

MAIS DE 11 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Lois Lowry
**O DOADOR DE
MEMÓRIAS**

QUANDO NÃO HÁ MEMÓRIAS,
A LIBERDADE É APENAS UMA ILUSÃO

INCLUI
ENTREVISTA
COM
TAYLOR SWIFT

1

Era quase dezembro e Jonas estava começando a ficar assustado. Não. Usara a palavra errada, pensou ele. “Assustado” queria dizer aquela sensação intensa e nauseante de que algo horrível está prestes a acontecer. Assustado foi como se sentiu no ano anterior, quando uma aeronave não identificada sobrevoou duas vezes a comunidade. Ele a viu em ambas as vezes. Apertando os olhos para o céu, viu passar o jato esguio e brilhante, quase um borrão por causa da alta velocidade, e, um segundo depois, escutou a explosão de som que se seguiu. Então, novamente, da direção oposta, veio o mesmo avião.

Primeiro ele ficou apenas fascinado. Nunca vira uma aeronave tão de perto, pois era contra as regras os Pilotos voarem por cima da comunidade. Vez por outra, quando aviões de carga entregavam provisões no campo de pouso do outro lado do rio, as crianças iam de bicicleta até a margem e observavam, curiosas, a descarga e, em seguida, a decolagem rumo ao oeste, sempre para longe da comunidade.

Mas o avião do ano passado tinha sido diferente. Não era um daqueles aviões de sempre, atarracados, de bojo largo, mas um jato de nariz fino e próprio para um único tripulante. Quando olhou em torno de si, ansioso, Jonas viu outras pessoas, adultos também, além das crianças, interromperem o que faziam e esperarem, confusas, por uma explicação sobre o acontecimento assustador.

Então todos os cidadãos ouviram a ordem para entrarem no prédio mais próximo e permanecerem lá. **IMEDIATAMENTE**, disse a voz rascante através dos alto-falantes. **DEIXEM SUAS BICICLETAS ONDE ESTÃO.**

No mesmo instante, obediente, Jonas deixou sua bicicleta no caminho, atrás da residência de seus pais. Correu para dentro e ficou lá, sozinho. Seus pais estavam no trabalho, e sua irmãzinha, Lily, estava no Centro de Cuidados à Infância, onde costumava ficar depois do horário escolar.

Ao espiar pela janela da frente, não viu ninguém: nenhuma pessoa das equipes de Limpadores de Ruas, de Funcionários de Paisagismo ou de Entregadores de Alimentos que, todas as tardes, naquela hora do dia, circulavam atarefadas pela comunidade. Avisitou apenas bicicletas abandonadas, deitadas de lado aqui e ali; a roda de uma delas, virada para cima, ainda girava devagar.

Naquela ocasião ele tinha ficado assustado. A impressão causada por sua comunidade silenciosa, esperando alguma coisa, dera-lhe um aperto no estômago. Fizera-o tremer.

Mas não fora nada. Em poucos minutos os alto-falantes estalaram de novo e a voz, tranquilizadora dessa vez e menos urgente, explicara que um Piloto-em-Treinamento não compreendera direito suas instruções de voo, fizera um percurso errado e, ansiosamente, tentara voltar antes que seu erro fosse percebido.

EVIDENTEMENTE ELE SERÁ DISPENSADO, disse a voz, seguida de silêncio. Havia um tom irônico na mensagem final, como se o Locutor estivesse achando graça; e Jonas sorriu de leve, mesmo sabendo como aquela declaração era soturna. Afinal, um cidadão contribuinte ser dispensado da comunidade era uma decisão definitiva, uma punição terrível, uma constatação esmagadora de fracasso.

Até as crianças eram repreendidas quando usavam a palavra levemente, no meio de uma brincadeira, para zombar de um companheiro que deixasse de apanhar uma bola ou tropeçasse numa corrida. Jonas fizera isso uma vez, gritando para seu melhor amigo: “É isso aí, Asher! Você está dispensado!” – quando, com um erro tolo, ele havia feito seu time perder uma partida. O treinador chamou Jonas num canto para uma conversa séria e rápida, ele baixou a cabeça, envergonhado e cheio de culpa, e foi pedir desculpas a Asher depois do jogo.

Agora, pensando na sensação de medo enquanto pedalava para casa ao longo do caminho do rio, lembrou aquele momento de terror palpável, do aperto no estômago, quando a aeronave cortara o céu acima de sua cabeça. Não era igual ao que estava sentindo nesse momento com a chegada do mês de dezembro. Procurou a palavra certa para definir o que sentia.

Jonas era cuidadoso com a linguagem; ao contrário de seu amigo Asher, que falava depressa demais e misturava as coisas, fazendo uma salada com as palavras e as frases, de tal modo que mal se compreendia o que ele dizia, embora de vez em quando soasse muito engraçado.

Jonas deu um sorriso largo, lembrando o dia em que Asher entrara correndo e ofegante na sala de aula, atrasado como sempre, quando todos já entoavam o cântico da manhã. Quando a turma se sentou, no fim do hino patriótico, Asher permaneceu de pé para apresentar suas desculpas em público, como era de praxe.

– Peço desculpas por incomodar minha comunidade de ensino.

Asher disse depressa e de uma vez só a frase-padrão de desculpas, ainda sem fôlego. O Instrutor e a turma esperaram pacientemente pelas explicações dele. Todos os colegas estavam sorrindo: já tinham escutado as explicações de Asher muitas vezes antes.

– Saí de casa na hora certa, mas, quando ia passando de bicicleta perto do criadouro de peixes, a tripulação estava separando uns salmões. Acho que fiquei desorientado observando-os, foi só. Peço desculpas a meus colegas – concluiu Asher. Ele alisou o uniforme amassado e sentou-se.

– Aceitamos suas desculpas, Asher. – A turma recitou em uníssono a resposta-padrão. Muitos mordiam os lábios para não rir.

– Aceito suas desculpas, Asher – disse o Instrutor, sorrindo. – E obrigado, porque mais uma vez você nos forneceu uma oportunidade para uma lição sobre a língua. “Desorientado” é um adjetivo forte demais para descrever a observação de salmões. – Virou-se e escreveu “desorientado” no quadro-negro. Ao lado, escreveu “distraído”.

Jonas, já próximo de casa, sorriu recordando aquilo. Ao fazer sua bicicleta entrar no estreito bicicletário ao lado da porta, ele se deu conta de que “assustado” era uma palavra errada para definir seus sentimentos, agora que dezembro estava quase chegando. Era um adjetivo forte demais.

Havia esperado um tempo enorme por aquele dezembro especial. Agora que quase o alcançara, ele não estava assustado, mas sim... ansioso, decidiu. Estava ansioso para que chegasse logo. E também excitado, certamente. Todos os que pertenciam ao grupo de Onze estavam excitados com o acontecimento que logo viria.

Mas teve um ligeiro estremecimento de nervosismo ao pensar naquilo, no que poderia acontecer.

Aprensivo, concluiu Jonas. É assim que estou.



– Quem quer ser o primeiro desta noite a falar dos sentimentos? – perguntou o pai de Jonas quando terminaram a refeição.

Era um dos rituais, o relato noturno dos sentimentos.

Às vezes Jonas e a irmã, Lily, disputavam quemalaria primeiro. Os pais deles, é claro, participavam do ritual: eles também falavam sobre seus sentimentos a cada noite. Como todos os pais, entretanto – todos os adultos –, eles não discutiam nem engambelavam ninguém para ter a vez.

Nem Jonas fez isso naquela noite. Seus sentimentos estavam muito confusos. Queria partilhá-los com os outros, mas não se sentia muito disposto a começar o processo de peneirar suas emoções complicadas, nem mesmo com a ajuda que sabia que os pais poderiam lhe dar.

– Você primeiro, Lily – vendo a irmã muito mais nova do que ele (ainda uma Sete) contorcer-se de impaciência na cadeira.

– Fiquei muito zangada esta tarde – contou Lily. – Meu grupo do Centro de Cuidados à Infância estava na área de recreação e recebemos a visita de um grupo de Sete que não obedecia às regras *de jeito nenhum*. Um deles, um menino, não sei o seu nome, furava a fila do escorregador o tempo todo, apesar de todos nós estarmos esperando. Fiquei com muita raiva dele. Fechei a mão para ele assim. – E levantou o punho cerrado, fazendo o resto da família rir de seu pequeno gesto de desafio.

– Por que acha que os visitantes não obedeceram às regras? – perguntou a Mãe.

Lily refletiu um pouco e sacudiu a cabeça.

– Não sei. Eles agiam como... como...

– Animais? – sugeriu Jonas. E deu uma risada.

– Isso mesmo – disse Lily, rindo também –, como animais.

Nenhuma das duas crianças sabia o significado exato da palavra, que ali costumava ser usada para descrever pessoas mal-educadas ou desajeitadas, que destoavam da comunidade.

– De onde eram esses visitantes? – perguntou o Pai.

Lily franziu a testa, tentando lembrar.

– Nosso líder nos disse quando fez a apresentação de boas-vindas, mas não consigo lembrar. Acho que não estava prestando atenção. Eram de uma outra comunidade. Tiveram de sair muito cedo e fizeram a refeição do meio-dia no ônibus.

A Mãe balançou a cabeça:

– Não acha que talvez as regras deles possam ser diferentes? E que, sendo assim, eles simplesmente não sabiam quais eram as regras de vocês na área de recreação?

Lily deu de ombros e concordou:

– Imagino que sim.

– Você já visitou outras comunidades antes, não foi? – perguntou Jonas. – O meu grupo já visitou. Várias vezes.

Lily concordou novamente:

– Quando éramos do Seis, passamos um dia inteiro com um outro grupo de Seis numa escola da comunidade deles.

– Como você se sentiu quando estava lá?

Lily franziu as sobrancelhas:

– Meio esquisita. Porque os métodos deles eram diferentes. Estavam aprendendo costumes que meu grupo ainda não tinha aprendido e por isso nos sentimos burros.

O Pai escutava com interesse.

– Estou pensando, Lily – disse ele –, no menino que não obedeceu às regras hoje. Não acha possível ele ter se sentido esquisito e burro por estar num lugar novo com regras que ignorava?

Lily ponderou a questão.

– Acho – respondeu, afinal.

– Sinto um pouco de pena dele – disse Jonas –, mesmo sem ao menos o conhecer. Tenho pena de qualquer pessoa que está num lugar onde se sente esquisita e burra.

– Como se sente agora, Lily? – perguntou o Pai. – Ainda está com raiva?

– Acho que não – concluiu Lily. – Acho que estou com um pouco de pena. E arrependida por ter mostrado o punho para ele.

Jonas devolveu o sorriso para a irmã. Os sentimentos de Lily eram sempre sinceros, espontâneos, bastante simples, geralmente fáceis de solucionar. Imaginava que os seus também tinham sido quando era um Sete.

Escutou educadamente, embora não prestasse muita atenção, seu pai descrever, por sua vez, um sentimento de preocupação que o acometera aquele dia no trabalho: preocupação com uma das crianças-novas que não ia bem. O título do pai de Jonas era Criador. Ele e outros Criadores eram responsáveis por todas as necessidades físicas e emocionais de cada criança-nova no início da vida. Era uma atividade muito importante, Jonas sabia, mas que não o interessava muito.

– De que gênero é? – perguntou Lily.

– Masculino – respondeu o Pai. – É um machinho encantador com uma índole excelente. Mas não está crescendo com a rapidez que deveria e não dorme bem. Nós o colocamos na seção de cuidados especiais para que tenha nutrição suplementar, mas o comitê está começando a falar em dispensá-lo.

– Ah, não... – murmurou a Mãe, compreensiva. – Imagino como isso deve deixá-lo triste.

Jonas e Lily também balançaram a cabeça, solidários ao Pai. A dispensa de crianças-novas era sempre triste, porque elas ainda não tinham tido oportunidade de desfrutar a vida na comunidade. E não tinham feito nada de errado. Havia apenas duas ocasiões de dispensa que não constituíam castigo: a dispensa dos velhos, que era um momento de celebração por uma vida plena e bem vivida, e a dispensa de uma criança-nova, sempre acompanhada da sensação de o-que-poderia-ter-sido. Era algo especialmente penoso para os Criadores, como o Pai, que se sentiam

como se tivessem fracassado de alguma forma. Mas isso acontecia muito raramente.

– Bem – disse o Pai –, vou continuar tentando. Posso pedir permissão ao comitê para trazê-lo para cá à noite, se vocês não se importarem. Sabem como são as equipes noturnas de Criadores. Acho que aquele rapazinho necessita de algo mais.

– É claro – disse a Mãe. Jonas e Lily assentiram.

Já tinham ouvido o Pai queixar-se da equipe noturna antes. Era considerada uma função inferior fazer parte da equipe noturna de Criadores, atribuída àquelas pessoas desprovidas de interesses, habilidades ou visão para os trabalhos mais imprescindíveis do período diurno. A maioria delas nem sequer recebia um cônjuge, porque lhes faltava, de alguma forma, a capacidade essencial de se relacionar com os outros, indispensável para a criação de uma unidade familiar.

– Talvez até a gente possa ficar com ele – sugeriu Lily com ar meigo, tentando parecer inocente. O olhar era fingido, Jonas sabia; todos sabiam.

– Lily – lembrou a Mãe, sorrindo –, você sabe muito bem quais são as regras.

Duas crianças, um menino e uma menina, para cada unidade familiar. Estava claramente escrito.

Lily deu uma risadinha.

– Ora – disse ela –, quem sabe, só desta vez.



Em seguida, a Mãe, que ocupava um cargo proeminente no Departamento de Justiça, falou sobre seus sentimentos. Naquele dia, um infrator reincidente fora levado a ela, alguém que já desrespeitara as regras antes. Alguém que ela esperava ter sido convenientemente punido, com justiça, e que fora reintegrado

em sua posição: em seu trabalho, em seu lar, em sua unidade familiar. Vê-lo diante de si pela segunda vez despertou nela sentimentos avassaladores de frustração e de raiva. Até de culpa, por não ter exercido influência alguma na vida dele.

– Fiquei assustada, também, por ele – admitiu. – Vocês sabem que não existe uma terceira oportunidade. As regras dizem que, se ocorrer uma terceira transgressão, a pessoa simplesmente tem de ser dispensada.

Jonas estremeceu. Sabia que isso de fato acontecia. Havia um menino em seu grupo de Onze cujo pai fora dispensado anos atrás. Ninguém jamais comentava o assunto; a desonra era inexprimível, difícil de imaginar.

Lily levantou e aproximou-se da mãe. Acariciou-lhe o braço.

De seu lugar à mesa, o Pai segurou uma das mãos dela. Jonas segurou a outra.

Um por um, todos a consolaram. Logo ela sorriu, agradeceu-lhes e murmurou que se sentia aliviada.

O ritual continuou.

– Jonas? – perguntou o Pai. – Você é o último hoje.

Jonas suspirou. Naquela noite, ele teria preferido manter ocultos os seus sentimentos. Mas era contra as regras, claro.

– Estou me sentindo apreensivo – confessou, satisfeito por finalmente ter encontrado a palavra adequada para descrever o que sentia.

– E por quê, filho? – seu pai tinha um ar preocupado.

– Sei que não há realmente motivo algum para apreensão – explicou Jonas – e que todos os adultos já passaram por isso. Sei que você já passou, Pai, e você também, Mãe. Mas é a Cerimônia que está me deixando apreensivo. Já estamos quase em dezembro.

Lily levantou o rosto, os olhos arregalados.

– A Cerimônia de Doze – sussurrou ela com reverência na voz. Até as crianças pequenas, da idade de Lily e menores ainda, sabiam que o mesmo as esperava no futuro.

– Estou contente por você ter falado sobre o que está sentindo – disse o Pai.

– Lily – disse a Mãe, acenando para a garotinha. – Vá agora e vista sua roupa de dormir. O Pai e eu vamos ficar aqui conversando um pouco com Jonas.

Lily suspirou, mas levantou-se, obediente, de sua cadeira.

– Em particular? – perguntou ela.

A Mãe fez sinal que sim com a cabeça.

– É – disse ela –, essa conversa com Jonas vai ser em particular.

2

Jonas viu seu pai servir-se de mais uma xícara de café e esperou.

– Sabe – disse o Pai, afinal –, todo mês de dezembro era sempre excitante para mim quando eu era criança. Como tem sido para você e Lily também, tenho certeza. Todo mês de dezembro traz muitas mudanças.

Jonas assentiu. Era capaz de lembrar cada dezembro desde, provavelmente, que se tornara um Quatro. Os anteriores a isso perdiam-se em sua memória. Mas ficava atento a eles todos os anos e lembrava-se bem dos primeiros dezembros de Lily. Lembrava-se de quando sua família recebera Lily, o dia em que ela recebera seu nome, o dia em que se tornara uma Um.

A Cerimônia de Um era sempre barulhenta e divertida. Todo mês de dezembro as crianças-novas nascidas no ano anterior tornavam-se Um. Havia sempre 50 em cada grupo – se nenhuma tivesse sido dispensada. Uma de cada vez, elas eram levadas ao palco pelos Criadores que haviam cuidado delas desde o nascimento. Algumas já estavam andando, cambaleantes em suas perninhas ainda sem firmeza; outras tinham apenas dias de vida, envoltas em cobertores, no colo de seus Criadores.

– Gosto muito da Nomeação – disse Jonas.

Sua mãe concordou sorrindo:

– No dia em que Lily chegou, já sabíamos que receberíamos nossa menina, porque tínhamos feito o requerimento e fomos

aprovados. Mas eu não parava de pensar em qual seria o nome dela.

– Eu poderia ter dado uma espiada na lista antes da cerimônia – revelou o Pai. – O comitê sempre a faz com antecedência e a guarda lá mesmo no escritório do Centro de Criação. Para ser franco – prosseguiu ele –, sinto-me um pouco culpado por causa disso, mas eu *entrei* lá hoje à tarde para ver se a lista de Nomeação deste ano já havia sido feita. Ela estava pronta no escritório e procurei o número Trinta e seis, o do garotinho que tem me preocupado, porque me ocorreu que chamá-lo por um nome pode melhorar seu tratamento. Mas isso só quando não houver ninguém por perto, é claro.

– E descobriu o nome? – perguntou Jonas. Ele estava fascinado. Não lhe parecia uma regra terrivelmente importante, mas o fato de seu pai tê-la descumprido deixava-o pasmo. Olhou de relance para sua mãe, a responsável pelo cumprimento das regras, e notou com alívio que ela estava sorrindo.

O Pai assentiu.

– O nome dele, se conseguir chegar à Nomeação sem ser dispensado, vai ser Gabriel. Então eu sussurro seu nome quando lhe dou alimento a cada quatro horas e também durante os exercícios e as brincadeiras. Mas só se ninguém estiver me escutando. Na verdade, eu o chamo de Gabe – disse ele, e abriu um sorriso.

– Gabe – repetiu Jonas. Um bom nome, pensou ele.

Apesar de Jonas ter se tornado apenas um Cinco no ano em que adquiriram Lily e tomaram conhecimento do seu nome, ele lembrava o entusiasmo, as conversas em casa a respeito dela: como seria a sua aparência, quem ela seria, como se encaixaria em sua unidade familiar estabelecida. Lembrava-se de subir os degraus do palco com os pais, seu pai ao seu lado daquela vez, em vez de estar junto com os Criadores, pois naquele ano ele próprio

receberia uma criança-nova. Lembrou-se de sua mãe segurando nos braços a criança-nova – sua irmã – enquanto o documento era lido para as unidades familiares reunidas: “Criança-nova Vinte e três”, leu o Nomeador. “Lily.”

Lembrou o olhar de contentamento de seu pai, que cochichara: “É uma das minhas favoritas. Estava querendo muito que fosse ela.” A multidão aplaudira e Jonas dera um largo sorriso. Gostou do nome de sua irmã. Lily, meio adormecida, agitou sua mãozinha fechada. Então, eles desceram do palco para dar lugar à próxima unidade familiar.

– Quando eu era um Onze como você, Jonas – disse seu pai –, fiquei muito impaciente enquanto esperava pela Cerimônia de Doze. São dois dias muito compridos. Lembro que gostei da Cerimônia de Um, como sempre, mas não prestei muita atenção às outras cerimônias, exceto à da minha irmã. Ela se tornou uma Nove naquele ano e ganhou sua bicicleta. Eu a vinha ensinando a andar na minha, embora oficialmente não pudesse fazer isso.

Jonas riu. Aquela era uma das poucas regras que ninguém levava muito a sério e que *quase sempre* era desobedecida. Todas as crianças ganhavam suas bicicletas aos Nove; não tinham permissão para pedalar antes disso. Entretanto, quase sempre os irmãos e irmãs mais velhos ensinavam os mais novos em segredo. Jonas já vinha pensando em ensinar Lily.

Havia rumores de que mudariam essa regra e crianças de menor idade iriam receber bicicletas. Um comitê estava estudando a ideia. Mas quando algo ia a um comitê para estudo, as pessoas sempre caçoavam. Diziam que os membros do comitê já seriam Anciãos quando a regra fosse mudada.

Era muito difícil haver mudanças. Às vezes, quando se tratava de uma regra muito importante – não como a que regulamentava

a idade para andar de bicicleta, por exemplo –, ela precisava ser encaminhada ao Recebedor para uma decisão final. O Recebedor era o Ancião de posição mais elevada. Jonas jamais o vira, segundo se lembrava; aquela pessoa de posição tão eminente vivia e trabalhava sozinha. O comitê de modo algum incomodaria o Recebedor com uma questão sobre bicicletas; seus integrantes se limitariam a discutir e resmungar entre si durante anos a fio, até os cidadãos se esquecerem que um dia o assunto lhes fora levado para estudo.

– De modo que assisti e comemorei quando minha irmã Katya se tornou uma Nove, tirou as fitas do cabelo e ganhou sua bicicleta – continuou o Pai. – Não prestei muita atenção nos Dez e Onzes que vieram em seguida. Mas *finalmente*, no término do segundo dia, que parecia nunca mais acabar, chegou a minha vez. Era a Cerimônia dos Doze.

Jonas se arrepiou. Visualizou o Pai, que deveria ser então um menino tímido e sossegado, pois era um homem tímido e sossegado, sentado com seu grupo, esperando para ser chamado ao palco. A Cerimônia de Doze era a última das cerimônias. E a mais importante.

– Lembro-me de como meus pais estavam orgulhosos. E minha irmã também; embora quisesse estar lá fora andando de bicicleta à vista de todos, parou de se remexer na cadeira e ficou bastante quieta e atenta quando chegou a minha vez. Mas, para ser franco, Jonas – disse seu pai –, no meu caso não houve esse elemento surpresa que há na sua Cerimônia. Porque eu já estava quase certo sobre qual seria a minha Atribuição.

Jonas ficou admirado. Não havia como realmente saber com antecedência. Tratava-se de uma seleção secreta, feita pelos líderes da comunidade, o Comitê dos Anciãos, que levava aquela responsabilidade muito a sério, tanto que jamais se fazia qualquer brincadeira com a questão das Atribuições.

A mãe também parecia espantada.

– Como você poderia saber? – perguntou ela.

O Pai deu um sorriso doce:

– Bem, estava bem claro para mim, e meus pais depois admitiram que também achavam óbvio, qual era a minha aptidão. Sempre gostei de crianças-novas mais que tudo. Quando meus amigos do mesmo grupo de idade disputavam corridas de bicicleta, ou construíam veículos ou pontes de brinquedo com seus jogos de armar, ou...

– Todas as coisas que faço com meus amigos – Jonas comentou e sua mãe concordou com um aceno da cabeça.

– Eu sempre participava, é claro – continuou o Pai –, porque as crianças têm de experimentar todas essas coisas. E estudava com afinco na escola, como você, Jonas. Mas, com frequência, em meu tempo livre, via-me atraído para as crianças-novas. Passava quase todas as minhas horas de trabalho voluntário ajudando no Centro de Criação. É claro que os Anciãos sabiam disso a partir de suas observações.

Jonas balançou a cabeça. Durante o ano que passara, ele percebera o nível crescente de observação. Na escola, durante a recreação e as horas de voluntariado, notara como os Anciãos observavam tanto ele quanto os outros Onzes. Vira-os tomar notas. Sabia também que faziam prolongadas reuniões com todos os instrutores que ele e os outros Onzes tinham tido durante seus anos de escola.

– Portanto, eu já esperava aquilo e fiquei contente, mas não surpreso, quando minha Atribuição de Criador foi anunciada – explicou o Pai.

– E todos aplaudiram, mesmo sem estarem surpresos? – perguntou Jonas.

– Ah, é claro. Estavam satisfeitos por mim, por minha Atribuição ser o que eu mais queria. Achei que tinha muita sorte. – Seu pai sorriu.

– Algum Onze ficou desapontado no seu ano? – o menino perguntou. Ao contrário do Pai, ele não tinha a menor ideia de qual seria a sua Atribuição. Mas sabia que algumas delas poderiam desapontá-lo. Apesar de respeitar o trabalho do Pai, não desejava ser Criador. E não invejava nem um pouco os Operários.

O Pai refletiu um pouco.

– Não, acho que não – disse. – Não há dúvida de que os Anciãos são muito cuidadosos em suas observações e escolhas.

– Acho que o cargo deles é provavelmente o mais importante da nossa comunidade – comentou sua mãe.

– Minha amiga Yoshiko ficou surpresa por ter sido escolhida como Doutora – contou o Pai –, mas também entusiasmada. E, deixe ver, tinha o Andrei. Lembro que, quando éramos crianças, ele nunca tinha vontade de praticar atividades físicas. Passava todo o tempo que podia durante a recreação com seu jogo de armar, e suas horas de voluntariado sempre em obras. Os Anciãos sabiam disso, com certeza. Andrei recebeu a Atribuição de Engenheiro e ficou encantado.

– Andrei desenhou a ponte que atravessa o rio na parte oeste da cidade – acrescentou a mãe de Jonas. – Não existia quando éramos crianças.

– É raro alguém sair desapontado, Jonas. Acho que você não precisa se preocupar com isso – o Pai tranquilizou-o. – E, caso aconteça, você sabe que existe um processo de apelação.

Todos riram, porque uma apelação precisava ir a um comitê para estudo.

– A Atribuição de Asher me preocupa um pouco – confessou Jonas. – Asher é tão *engraçado*. Mas ele não tem nenhum interesse mais sério. Leva tudo na brincadeira.

O Pai deu uma risadinha.

– Sabe de uma coisa – disse ele –, lembro-me de Asher desde quando ele era criança-nova no Centro de Criação, antes de receber o nome. Ele nunca chorava. Achava graça em tudo, ria de tudo. Todos nós, a equipe inteira, adorávamos cuidar dele.

– Os Anciãos conhecem Asher – aparteu a mãe. – Vão encontrar a Atribuição exata para ele. Não acho que você precise se preocupar com isso. Mas, Jonas, deixe-me preveni-lo sobre algo que pode não lhe ter ocorrido. Eu só me dei conta disso depois de minha Cerimônia de Doze.

– O que é?

– Bem, é a última Cerimônia, como sabe. Depois dos Doze, a idade não é importante. A maioria de nós até perde a noção dela à medida que o tempo passa, embora a informação esteja na Seção dos Registros Abertos e seja permitido ir procurá-la se quisermos. O importante é a preparação para a vida adulta e o treinamento que você vai receber para sua Atribuição.

– Eu sei – disse Jonas. – Todo mundo sabe.

– Mas isso significa – prosseguiu a Mãe – que você vai mudar para um novo grupo. E todos os seus amigos também. Você não vai passar mais o tempo com seu grupo de Onze. Depois da Cerimônia de Doze, vai ficar junto com seu grupo de Atribuição, com os que estão em treinamento. Nada de horas de voluntariado nem de recreação; portanto, seus amigos não vão mais estar tão por perto.

Jonas sacudiu a cabeça.

– Asher e eu sempre seremos amigos – disse ele com firmeza. – E haverá sempre a escola.

– É verdade – concordou o Pai. – Mas o que sua mãe está dizendo também é. Haverá mudanças.

– Mudanças *boas*, porém – ressaltou a Mãe. – Depois da minha Cerimônia de Doze, senti falta das recreações da infância.

Mas, quando comecei meu treinamento para Lei e Justiça, me vi na companhia de pessoas com interesses iguais aos meus. Fiz amigos num outro nível, amigos de todas as idades.

– A gente ainda pode brincar depois dos Doze? – perguntou Jonas.

– De vez em quando – respondeu a Mãe. – Mas, para mim, deixou de ser tão interessante.

– Para mim, não – disse o Pai rindo. – Continuo brincando. Todo dia, no Centro de Criação, brinco de pique-pegas, de esconde-esconde e de cabra-cega. – Ele estendeu a mão e afagou o cabelo bem aparado de Jonas. – A diversão não acaba quando você chega aos Doze.

Lily apareceu à porta em sua roupa de dormir. Deu um suspiro impaciente.

– Essa conversa particular está sendo comprida *demais* – queixou-se. – E tem gente aqui esperando por seu objeto reconfortante.

– Lily – disse sua mãe carinhosamente –, você está quase se tornando uma Oito, e, quando esse dia chegar, seu objeto reconfortante vai ser tirado de você. Vai ser reciclado para servir a crianças menores. Você devia começar a dormir sem ele.

Mas o Pai já tinha pegado o elefante de pano acolchoado que ficava guardado na prateleira. Muitos dos objetos reconfortantes eram como o de Lily, criaturas imaginárias acolchoadas e macias. O de Jonas fora chamado de urso.

– Aqui está ele, Lilyzinha – disse o Pai. – Vou ajudá-la a tirar as fitas do seu cabelo.

Jonas e a mãe reviraram os olhos, mas acompanharam com ar afetuosos Lily e seu pai se dirigirem para o dormitório dela com o elefantinho acolchoado que ela ganhara ao nascer como objeto reconfortante. A Mãe foi para sua grande escrivaninha e abriu

uma pasta de documentos; o trabalho dela parecia nunca terminar, mesmo quando estava em casa à noite. Jonas se encaminhou para a sua escrivaninha e começou a separar os papéis escolares para a tarefa da noite. Sua cabeça, porém, continuava no mês de dezembro e na iminente Cerimônia.

Apesar de mais sossegado depois da conversa com os pais, ele não fazia a menor ideia de qual Atribuição os Anciãos estariam escolhendo para o seu futuro e como se sentiria a respeito quando chegasse o dia.

3

– Ah, olhem! – exclamou Lily com voz esganiçada, encantada.
– Ele não é uma gracinha? Como é pequeno! E tem uns olhos engraçados, iguais aos seus, Jonas!

Jonas fulminou-a com o olhar. Não gostou de ouvi-la mencionar seus olhos. Esperou que o Pai castigasse Lily. Mas este estava ocupado soltando as correias que prendiam o cesto de transporte na traseira de sua bicicleta. Jonas se aproximou para olhar.

Foi a primeira coisa em que Jonas reparou ao ver a criança-nova que o fitava com ar curioso de dentro do cesto. Os olhos claros.

Quase todos os cidadãos da comunidade tinham olhos escuros. Os pais dele tinham, Lily tinha, assim como todos os membros de seu grupo e seus amigos. Mas havia umas poucas exceções: Jonas e uma menina Cinco, que, ele notara, tinha os olhos diferentes, mais claros. Ninguém comentava essas coisas; não constituía uma regra, mas considerava-se indelicado chamar a atenção para o que fosse constrangedor ou diferente nas pessoas. Lily, ele concluiu, teria de aprender isso logo, ou sua tagarelice inconsequente faria com que fosse castigada.

O Pai estacionou a bicicleta, apanhou o cesto e levou-o para dentro de casa. Lily foi atrás, mas deu uma olhadela para Jonas por cima do ombro e provocou-o:

– Talvez ele tenha a mesma Mãe-biológica que você.

Jonas deu de ombros. Entrou com eles em casa, mas os olhos da criança-nova o tinham impressionado. Espelhos eram raros na comunidade; não eram proibidos, mas não havia realmente a necessidade de possuí-los, e ele nunca se dera ao trabalho de olhar muito para si, mesmo quando se encontrava num lugar onde existia algum espelho. Agora, vendo a criança-nova e a expressão do seu rosto, Jonas lembrou que os olhos claros não eram apenas incomuns, mas conferiam aos que os tinham uma certa aparência – de quê? De *profundidade*, decidiu ele; como se alguém olhasse para o fundo da água clara de um rio, onde poderiam estar à espreita coisas que ainda não tinham sido descobertas. Ficou encabulado, dando-se conta de que ele também tinha aquele tipo de olhar.

Encaminhou-se para a sua escrivaninha, fingindo não estar interessado na criança-nova. Do outro lado da sala, a Mãe e Lily estavam curvadas assistindo ao Pai desembrulhá-la de seu cobertor.

– Como se chama o objeto reconfortante dele? – perguntou Lily, pegando a criaturinha acolchoada que fora colocada junto do menino em seu cesto.

– Hipo – respondeu o Pai, depois de olhar para ele.

Lily deu uma risadinha ao escutar a palavra esquisita.

– Hipo – repetiu ela, devolvendo o objeto para o seu lugar. Observou com interesse a criança, agora sem o cobertor, que agitava os braços.

– Acho as crianças-novas tão bonitinhas – suspirou Lily.
– Tomara que minha Atribuição seja a de Mãe-biológica.

– Lily! – repreendeu a Mãe num tom áspero. – Não diga isso. É uma Atribuição muito pouco nobre.

– É que, quando eu estava conversando com Natasha, sabe, aquela Dez que mora na esquina? Ela passa algumas horas de seu voluntariado no Centro de Nascimentos e me contou que as

Mães-biológicas recebem uma comida maravilhosa, fazem exercícios muito suaves e, na maior parte do tempo, só jogam, brincam e se divertem enquanto esperam. Acho que isso me agrada – disse Lily, petulante.

– Três anos – replicou a Mãe em tom firme. – Três nascimentos e só. Depois disso, tornam-se Operárias para o resto de suas vidas adultas, até o dia em que entram para a Casa dos Idosos. É isso o que você quer, Lily? Três anos de preguiça e depois trabalho físico pesado até ficar velha?

– Bom, acho que não – reconheceu ela, relutante.

O Pai virou a criança-nova de barriga para baixo dentro do cesto. Sentou-se a seu lado e friccionou as costas pequeninas com movimentos ritmados.

– Aliás, Lilyzinha – disse ele, afetuosamente –, as Mães-biológicas nunca sequer chegam a ver as crianças-novas. Se gosta tanto assim desses pequenos, devia torcer por uma Atribuição de Criadora.

– Quando você for uma Oito e começar suas horas de voluntariado, pode experimentar passar algumas no Centro de Criação – sugeriu a Mãe.

– É, acho que vou fazer isso, sim – disse Lily, ajoelhando-se ao lado do cesto. – Qual é mesmo o nome dele? Gabriel? Olá, Gabriel – disse ela, com a voz entoada. Depois deu uma risadinha. – Opa – sussurrou –, acho que ele adormeceu. É melhor eu calar a boca.

Jonas voltou a atenção para as tarefas escolares em cima de sua mesa. *Quem dera*, pensou. Lily *jamaiz* calava a boca. O que deveria mesmo desejar era uma Atribuição para Locutora; assim poderia ficar o dia inteiro sentada num escritório diante do microfone comunicando coisas. Riu para si mesmo em silêncio, imaginando a irmã falando com aquela voz monótona e pre-

sunçosa que todos os Locutores pareciam adotar, dizendo, por exemplo: “ATENÇÃO! LEMBRAMOS A TODAS AS MENINAS DE MENOS DE NOVE QUE AS FITAS DE CABELO DEVEM ESTAR SEMPRE BEM AMARRADAS.”

Ele se virou para Lily e notou, satisfeito, que as fitas dela estavam, como de costume, desamarradas e penduradas, balançando. Tinha a impressão de que muito em breve haveria um aviso daqueles dirigido principalmente a Lily, embora o nome dela, é claro, não devesse ser mencionado. Mas todo mundo saberia.

Todo mundo soube, lembrou ele com um sentimento de humilhação, que o aviso ATENÇÃO! LEMBRAMOS AOS MENINOS DE ONZE QUE NÃO SE DEVE RETIRAR OBJETOS DA ÁREA DE RECREAÇÃO E QUE OS LANCHES DEVEM SER COMIDOS, NÃO GUARDADOS” foi especificamente dirigido a ele, naquele dia do mês anterior em que levou uma maçã para casa. Ninguém mencionou o assunto, nem seus pais, porque o comunicado público era suficiente para produzir o devido remorso. Desfizera-se da maçã, é claro, e apresentara suas desculpas ao Diretor de Recreação na manhã seguinte, antes da aula.

Jonas pensou de novo no incidente. Aquilo ainda o deixava desorientado. Não por causa do aviso e da necessidade de pedir desculpas, que eram procedimentos-padrão e merecidos por ele, mas pelo incidente em si. Talvez devesse ter discutido aquele sentimento de desorientação na mesma noite, quando a unidade familiar partilhou os sentimentos do dia. Mas não foi capaz de resolver nem definir com palavras a origem de sua confusão, de modo que deixou passar.

Aconteceu durante a hora de recreação, quando estava brincando com Asher. Jonas apanhou uma maçã por acaso na cesta onde ficavam guardados os lanches e jogou-a para o amigo.

Asher jogou-a de volta e eles iniciaram uma brincadeira simples de jogar e apanhar.

Não havia nada de especial naquilo; era uma atividade que ele já tinha praticado inúmeras vezes: jogar, apanhar; jogar, apanhar. Não exigia nenhum esforço de Jonas, que a achava até cansativa, embora Asher gostasse e, para ele, fosse uma atividade recomendada porque contribuía para melhorar sua coordenação visual-manual, abaixo dos padrões.

Mas Jonas de repente percebeu, acompanhando com os olhos o percurso da maçã pelo ar, que a fruta – bem, esta foi a parte que ele não conseguiu entender direito –, que a maçã tinha *se transformado*. Só por um instante: em pleno ar, no meio do caminho, de acordo com o que se lembrava. Em seguida, ele a pegou nas mãos e examinou-a com atenção, mas era a mesma maçã. Inalterada. Do mesmo tamanho e da mesma forma: uma esfera perfeita. Da mesma cor indefinível, mais ou menos da mesma cor que a túnica de seu uniforme.

Não havia absolutamente nada de extraordinário naquela maçã. Ele a passou de uma à outra mão algumas vezes, depois a lançou outra vez para Asher. E novamente – no ar, por um instante apenas – ela se transformou.

Aconteceu o mesmo quatro vezes. Jonas piscou, olhou em torno, testou sua visão apertando os olhos para enxergar as letras pequenas no crachá de identificação preso à sua túnica. Leu seu nome perfeitamente. Também enxergava perfeitamente Asher do outro lado do pátio. E não teve dificuldades em apanhar a maçã.

Ele ficou inteiramente perplexo.

– Ash? – chamou. – Está vendo alguma coisa esquisita? Na maçã?

– Estou – respondeu Asher de longe, rindo. – Ela pula da minha mão para o chão! – Asher deixara a maçã cair mais uma vez.

Então Jonas riu também, tentando, com a risada, ignorar a incômoda convicção de que algo *realmente* acontecera. Mas levou a fruta consigo, contrariando as regras da área de recreação. Naquela noite, antes que seus pais e Lily chegassem em casa, ele segurou a maçã e a observou meticulosamente. Estava um pouco amassada de tanto que Asher a deixara cair; porém não tinha nada de anormal. Examinou-a com uma lente de aumento. Jogou-a várias vezes para cima dentro do quarto, seguindo-a com os olhos, depois a fez rolar de um lado para outro sobre sua escrivaninha, esperando que aquilo acontecesse de novo. Mas não aconteceu. Só o que ocorreu foi o aviso no alto-falante mais tarde, o aviso que o destacava sem citar seu nome, que fizera seus pais lançarem um olhar significativo para a sua escrivaninha, onde a maçã ainda se encontrava.

Agora, sentado diante da mesma escrivaninha, fitando as tarefas da escola enquanto sua família rodeava a criança-nova dentro do cesto, ele sacudiu a cabeça, tentando esquecer o estranho incidente. Forçou-se a organizar seus trabalhos escolares e tentar estudar um pouco antes da refeição da noite. O menino, Gabriel, mexeu-se e choramingou, e o Pai falou em voz baixa com Lily, explicando o processo de alimentação, enquanto abria o recipiente que continha a fórmula e o equipamento.

A noite seguiu seu curso de sempre na unidade familiar, na residência, na comunidade: sossegada, reflexiva, um tempo de renovação e preparação para o dia seguinte. A única diferença era o acréscimo da criança-nova, com seus olhos claros, solenes, inteligentes.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br